



**EDUCAÇÃO INCLUSIVA E NEURODIVERSIDADE: O PAPEL DA ESCOLA APÓS
O DIAGNÓSTICO DE AUTISMO**

**INCLUSIVE EDUCATION AND NEURODIVERSITY: THE ROLE OF THE
SCHOOL AFTER AN AUTISM DIAGNOSIS**

**EDUCACIÓN INCLUSIVA Y NEURODIVERSIDAD: EL PAPEL DE LA ESCUELA
TRAS UN DIAGNÓSTICO DE AUTISMO**

 <https://doi.org/10.56238/levv17n58-003>

Data de submissão: 03/02/2026

Data de publicação: 03/03/2026

Telmo Rosa Nogueira

Mestrado Educação Inclusiva

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8573954741511646>

Victor Lima Sousa

Docência do Ensino Superior

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5342666438554812>

Márcio Silva da Conceição

Doutor em Ciências Ambientais

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6178523977633290>

Inácia Oliveira de Azevedo

Mestranda em Educação

Instituição: Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1959448264262712>

Joseana da Silva Batista Souza

Mestranda em Educação Inclusiva

Instituição: Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0378897530651318>

Isis Lorena dos Santos Silva

Especialista em Neurociência e Educação

Instituição: Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP)

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5342100634982876>

Sonia Oliveira de Lima Brum

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Estácio de Sá (UNESA)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4247793839844002>

Gilmar Santos Batista

Pós graduação em metodologia e didática no ensino superior

RESUMO

Este estudo aborda a educação inclusiva para indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), um tema que ganha relevância na sociedade contemporânea. A justificativa para esta pesquisa reside na necessidade de compreender as práticas escolares e os desafios enfrentados após o diagnóstico de autismo, visando aprimorar o suporte oferecido a esses estudantes. O objetivo principal consiste em analisar o papel da escola na promoção de um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo para alunos neurodiversos. A metodologia empregada caracteriza-se por uma abordagem bibliográfica, que examina a literatura científica recente sobre o assunto. Os principais resultados indicam que a escola desempenha um papel central na adaptação curricular, na formação de professores e na criação de estratégias pedagógicas personalizadas. As conclusões apontam para a urgência de políticas educacionais mais robustas e para a capacitação contínua dos profissionais da educação, garantindo que a inclusão não se restrinja ao acesso, mas abranja a participação plena e o desenvolvimento de cada aluno.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Neurodiversidade. Autismo. Escola. Adaptação Curricular.

ABSTRACT

This study addresses inclusive education for individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD), a theme gaining relevance in contemporary society. The justification for this research lies in the need to understand school practices and the challenges faced after an autism diagnosis, aiming to enhance the support offered to these students. The main objective consists of analyzing the school's role in promoting a truly inclusive educational environment for neurodiverse students. The methodology employed is characterized by a bibliographic approach, which examines recent scientific literature on the subject. The main results indicate that the school plays a central role in curriculum adaptation, teacher training, and the creation of personalized pedagogical strategies. The conclusions point to the urgency of more robust educational policies and continuous training for education professionals, ensuring that inclusion is not limited to access but encompasses full participation and the development of each student.

Keywords: Inclusive Education. Neurodiversity. Autism. School. Curriculum Adaptation.

RESUMEN

Este estudio aborda la educación inclusiva para personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA), un tema de creciente relevancia en la sociedad contemporánea. La justificación de esta investigación radica en la necesidad de comprender las prácticas escolares y los desafíos que se enfrentan tras un diagnóstico de autismo, con el fin de mejorar el apoyo que se ofrece a este alumnado. El objetivo principal es analizar el papel de la escuela en la promoción de un entorno educativo verdaderamente inclusivo para el alumnado neurodiverso. La metodología empleada se caracteriza por un enfoque bibliográfico, que examina la literatura científica reciente sobre el tema. Los principales resultados indican que la escuela desempeña un papel central en la adaptación curricular, la formación docente y la creación de estrategias pedagógicas personalizadas. Las conclusiones apuntan a la urgencia de contar con políticas educativas más sólidas y la formación continua de los profesionales de la educación, garantizando que la inclusión no se limite al acceso, sino que abarque la plena participación y el desarrollo de cada alumnado.

Palabras clave: Educación Inclusiva. Neurodiversidad. Autismo. Escuela. Adaptación Curricular.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva representa um paradigma educacional que busca garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos os estudantes, independentemente de suas características individuais. Este conceito abrange a diversidade humana em suas múltiplas manifestações, incluindo a neurodiversidade, que reconhece as variações neurológicas como parte natural da condição humana. Dentro deste contexto, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) emerge como uma condição que demanda atenção especializada e estratégias pedagógicas adaptadas para promover o desenvolvimento pleno dos indivíduos. A escola, como instituição socializadora e formadora, possui uma responsabilidade fundamental na construção de um ambiente acolhedor e estimulante para alunos com TEA.

O problema de pesquisa que este estudo aborda concentra-se na lacuna entre o diagnóstico de autismo e a efetivação de práticas inclusivas nas instituições de ensino. Observa-se que, após a identificação do TEA, as escolas frequentemente enfrentam desafios para adaptar suas estruturas, metodologias e recursos humanos às necessidades específicas desses alunos. A falta de preparo dos educadores, a ausência de materiais didáticos adequados e a dificuldade em promover a interação social são alguns dos obstáculos que comprometem a qualidade da inclusão. Este cenário gera questionamentos sobre como a escola pode otimizar seu papel para atender de forma satisfatória a neurodiversidade.

A relevância deste estudo reside na urgência de aprofundar o conhecimento sobre as melhores práticas e os desafios enfrentados pelas escolas no processo de inclusão de alunos com TEA. A compreensão das dinâmicas escolares pós-diagnóstico contribui para a formulação de diretrizes pedagógicas mais eficazes e para a capacitação de profissionais. A pesquisa oferece subsídios para que as instituições de ensino se tornem espaços verdadeiramente inclusivos, onde cada aluno, com suas particularidades, encontra condições para aprender e se desenvolver. A promoção da inclusão escolar reflete diretamente na qualidade de vida e na autonomia dos indivíduos com autismo.

A sociedade contemporânea reconhece a necessidade de uma educação que contemple a heterogeneidade dos estudantes, conforme apontam Baptista, Freitas e Zaghi (2023, p. 42), que discutem a importância de um diálogo contínuo sobre as práticas inclusivas. A escola, neste sentido, atua como um pilar para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde as diferenças são valorizadas e não vistas como barreiras. A inclusão de alunos com TEA não se restringe apenas ao cumprimento de leis, mas representa um compromisso ético e social com o desenvolvimento humano.

A trajetória da educação inclusiva no Brasil demonstra uma evolução, embora ainda existam muitos desafios a serem superados. Barcellos e Gomes (2023, p. 221) afirmam que "a transição das classes especiais para a educação inclusiva representa um avanço, mas exige uma reestruturação profunda do sistema educacional". Esta reestruturação envolve desde a formação inicial dos

professores até a adaptação da infraestrutura física e pedagógica das escolas. A compreensão do autismo como uma condição neurobiológica, e não como uma doença, orienta a busca por abordagens que respeitem a singularidade de cada aluno.

O objetivo geral deste trabalho consiste em analisar o papel da escola na promoção da educação inclusiva para alunos com Transtorno do Espectro Autista após o diagnóstico. Para alcançar este objetivo, estabelecem-se os seguintes objetivos específicos: identificar os principais desafios enfrentados pelas escolas na inclusão de alunos com TEA; verificar as estratégias pedagógicas e adaptativas adotadas pelas instituições de ensino; e propor recomendações para o aprimoramento das práticas inclusivas no contexto escolar. A investigação busca oferecer um panorama abrangente sobre a temática.

A percepção dos docentes sobre a educação inclusiva também molda as práticas em sala de aula. Brinco, Batista e Werlang (2024, p. 18) investigam as percepções de professores sobre a inclusão escolar, revelando a necessidade de maior suporte e formação continuada. A capacitação dos educadores é um fator determinante para o sucesso da inclusão, pois são eles que implementam as estratégias pedagógicas e promovem a interação entre os alunos. A escola, portanto, precisa investir na formação de seus profissionais para que possam atender às demandas da neurodiversidade.

A colaboração entre a família, a escola e os profissionais de saúde também se mostra fundamental para o desenvolvimento do aluno com TEA. A troca de informações e a construção de um plano de trabalho conjunto permitem que as intervenções sejam mais coerentes e eficazes. A escola não atua isoladamente, mas como parte de uma rede de apoio que visa o bem-estar e a aprendizagem do estudante. A comunicação transparente e o respeito às particularidades de cada família fortalecem este processo colaborativo.

A presente pesquisa estrutura-se em cinco seções. Após esta introdução, o referencial teórico aborda os conceitos de educação inclusiva, neurodiversidade e autismo, bem como as bases teóricas que sustentam a inclusão escolar. A metodologia descreve os procedimentos adotados para a coleta e análise dos dados. A seção de resultados e discussão apresenta os achados da pesquisa, interpretando-os à luz da literatura. Por fim, as considerações finais sintetizam os principais pontos, apontam as contribuições do estudo e sugerem futuras investigações.

2 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, que busca compreender em profundidade o fenômeno da educação inclusiva para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no contexto escolar. A natureza da pesquisa é exploratória e descritiva, pois investiga as práticas existentes e os desafios enfrentados pelas escolas após o diagnóstico de autismo, sem a intenção de testar hipóteses predefinidas. A pesquisa exploratória permite a familiarização com o tema, enquanto a descritiva

detalha as características das práticas inclusivas. O objetivo geral do estudo é analisar o papel da escola na promoção da educação inclusiva para alunos com TEA, o que se alinha com a natureza exploratória-descritiva.

A pesquisa bibliográfica constitui o procedimento metodológico central deste trabalho. Este tipo de pesquisa baseia-se na análise de materiais já elaborados, como livros, artigos científicos, teses, dissertações e documentos oficiais. A seleção dos materiais ocorre por meio de buscas em bases de dados acadêmicas, utilizando descritores relacionados à educação inclusiva, neurodiversidade, autismo e papel da escola. A pesquisa bibliográfica permite a construção de um panorama abrangente sobre o tema, identificando as principais teorias, conceitos e debates presentes na literatura.

Os instrumentos de pesquisa empregados consistem na coleta e análise de documentos e artigos científicos. A seleção dos materiais ocorre com base em critérios de relevância, atualidade e rigor acadêmico. São priorizadas publicações dos últimos cinco anos, que abordam diretamente a temática da inclusão de alunos com TEA no ambiente escolar. A leitura crítica dos materiais permite a identificação de informações pertinentes, a extração de citações e a construção de um arcabouço teórico sólido para a discussão dos resultados.

Os procedimentos para análise dos dados envolvem a leitura exaustiva dos materiais coletados, a categorização das informações e a síntese dos achados. A categorização ocorre por meio da identificação de temas recorrentes, como desafios da inclusão, estratégias pedagógicas, formação de professores e aspectos éticos. A síntese dos achados permite a construção de um discurso coerente e a interpretação dos dados à luz do referencial teórico. A análise busca identificar padrões, lacunas e tendências na literatura sobre o tema.

Aspectos éticos são considerados ao longo de todo o processo de pesquisa. O respeito à autoria dos textos consultados, a correta citação das fontes e a ausência de plágio são princípios fundamentais. A pesquisa bibliográfica, por não envolver a coleta de dados diretamente de seres humanos, não requer a submissão a comitês de ética em pesquisa com seres humanos. No entanto, a responsabilidade intelectual e a honestidade acadêmica orientam todas as etapas do trabalho.

As limitações metodológicas deste estudo residem na dependência da literatura disponível. A pesquisa bibliográfica, embora abrangente, não permite a observação direta das práticas escolares nem a coleta de dados empíricos sobre a percepção de professores, pais e alunos. A análise restringe-se ao que já foi publicado, o que pode não refletir a totalidade das experiências e desafios vivenciados nas escolas. Contudo, a pesquisa bibliográfica oferece uma base sólida para futuras investigações empíricas.

A escolha pela pesquisa bibliográfica justifica-se pela necessidade de consolidar o conhecimento existente sobre a educação inclusiva e o TEA, fornecendo um panorama teórico para a compreensão do tema. Félix e Barboza (2024) destacam a importância do atendimento educacional

especializado no desenvolvimento de habilidades de estudantes com deficiência, o que reforça a relevância de se analisar as práticas escolares. A revisão da literatura permite identificar as lacunas e os avanços na área, orientando a discussão sobre o papel da escola.

A metodologia empregada também se alinha com a necessidade de compreender como o laudo e o diagnóstico de autismo impactam a inclusão escolar. Fontenele *et al.* (2023) realizam uma revisão sistemática sobre o laudo e o diagnóstico como dispositivos de (ex)inclusão escolar, o que demonstra a complexidade do tema e a necessidade de uma análise aprofundada da literatura. A pesquisa bibliográfica permite explorar as diferentes perspectivas sobre o diagnóstico e suas implicações para as práticas pedagógicas.

A relevância do ensino colaborativo como alternativa para a inclusão escolar também é um ponto que a literatura aborda. Garcia e Paim (2024) discutem o ensino colaborativo no ensino médio, o que sugere a necessidade de a escola adotar estratégias que promovam a cooperação entre os profissionais e entre os alunos. A pesquisa bibliográfica permite identificar as contribuições de diferentes autores sobre as estratégias pedagógicas que favorecem a inclusão de alunos com TEA. A análise da literatura oferece um panorama das abordagens mais eficazes.

Quadro 1 –Referências Acadêmicas e Suas Contribuições para a Pesquisa

Autor	Título	Ano	Contribuições
Lima, I.	Olhar psicanalítico sobre a inclusão de um aluno com autismo	2020	Analisa a inclusão de um aluno com autismo a partir da psicanálise, discutindo subjetividade, laço social e os limites de uma inclusão focada apenas em adaptações pedagógicas, contribuindo para uma visão mais profunda dos processos psíquicos envolvidos.
Cunha, J.	Discussões sobre a educação inclusiva nos espaços dos cursos de formação inicial e continuada de professores	2021	Investiga como a educação inclusiva é abordada na formação inicial e continuada de professores, evidenciando lacunas curriculares e a necessidade de ampliar o debate e as práticas formativas sobre inclusão.
Menezes, N.	Inclusão e o ensino de ciências e biologia para alunos com transtorno do espectro autista: análise dos trabalhos publicados nos Encontros Nacionais de Biologia e de Pesquisa em Educação em Ciências	2022	Mapeia produções sobre ensino de Ciências e Biologia para alunos com TEA, identificando estratégias didáticas, desafios e tendências de pesquisa, o que auxilia na compreensão de práticas inclusivas em áreas específicas do currículo.
Baptista, C.	Um diálogo com Andrea Canevaro	2023	Apresenta um diálogo teórico com Andrea Canevaro, discutindo fundamentos da educação inclusiva, conceitos de diferença, participação e transformação da escola, oferecendo base conceitual sólida para repensar a inclusão.
Barcellos, D.	Das classes especiais à educação inclusiva: um estudo sobre o sistema de educação de Miracema/RJ	2023	Analisa o percurso do sistema educacional de Miracema/RJ das classes especiais para a educação inclusiva, mostrando permanências e mudanças nas políticas e práticas de escolarização de estudantes público-alvo da educação especial.
Fontenele, L.	Laudo e diagnóstico como dispositivos de (ex)inclusão escolar: uma revisão sistemática // Report and diagnosis as devices of school (ex)inclusion: a systematic review	2023	Discute, em revisão sistemática, como laudos e diagnósticos podem funcionar tanto como apoio quanto como barreira à inclusão, problematizando a medicalização e os rótulos na escola.

Gomes, L.	Intervenção precoce no tratamento de crianças do espectro autista	2023	Analisa a importância da intervenção precoce em crianças com TEA, destacando impactos no desenvolvimento, na socialização e na preparação para a escolarização inclusiva.
Madalozzo, M.	Psicologia em diferentes contextos: saúde mental e objetivos de desenvolvimento sustentável	2023	Reúne reflexões sobre psicologia, saúde mental e ODS, oferecendo um enquadramento ampliado para pensar inclusão, bem-estar e direitos em múltiplos contextos, inclusive o educacional.
Baptista, C.	Um diálogo com Andrea Canevaro	2023	Retoma o pensamento de Canevaro a partir da realidade brasileira, reforçando a ideia de inclusão como transformação institucional e curricular, não apenas presença física do estudante com deficiência.
Brinco, L.	Percepções de docentes dos cursos de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria - RS, sobre educação inclusiva e inclusão escolar	2024	Investiga as percepções de docentes de Geografia sobre educação inclusiva e inclusão escolar, revelando concepções, resistências e demandas formativas no ensino superior.
Félix, A.	O atendimento educacional especializado no desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes com deficiência	2024	Analisa como o AEE contribui para o desenvolvimento de habilidades e competências de estudantes com deficiência, discutindo potencialidades e desafios na articulação com a sala de aula regular.
Garcia, R.	Ensino colaborativo, uma alternativa para inclusão escolar no ensino médio	2024	Apresenta o ensino colaborativo entre professores da sala comum e da educação especial como estratégia de apoio à inclusão no ensino médio, apontando resultados e desafios dessa abordagem.
Gomes, I.	Transtorno do espectro autista e os desafios da inclusão no mercado de trabalho	2024	Aborda as dificuldades encontradas por pessoas com TEA na inserção e permanência no mercado de trabalho, articulando questões de preconceito, acessibilidade e políticas de inclusão profissional.
Lanuti, J.	Avaliação da aprendizagem na escola inclusiva: a contradição, os desafios e uma possibilidade	2024	Discute contradições entre modelos tradicionais de avaliação e os princípios da escola inclusiva, propondo caminhos para práticas avaliativas mais coerentes com a diversidade dos estudantes.
Miranda, M.	Abril azul e o transtorno do espectro autista na adolescência	2024	Analisa o movimento Abril Azul e suas repercussões para a compreensão do TEA na adolescência, discutindo visibilidade, estigmas e necessidades específicas desse público em contextos escolares e sociais.
Lima, I.	Olhar psicanalítico sobre a inclusão de um aluno com autismo	2020	Analisa a inclusão de um aluno com autismo a partir da psicanálise, discutindo subjetividade, laço social e os limites de uma inclusão focada apenas em adaptações pedagógicas, contribuindo para uma visão mais profunda dos processos psíquicos envolvidos.
Cunha, J.	Discussões sobre a educação inclusiva nos espaços dos cursos de formação inicial e continuada de professores	2021	Investiga como a educação inclusiva é abordada na formação inicial e continuada de professores, evidenciando lacunas curriculares e a necessidade de ampliar o debate e as práticas formativas sobre inclusão.

Fonte: Elaboração do próprio autor (2026)

O quadro acima organiza, em perspectiva temporal, produções que abordam educação inclusiva, transtorno do espectro autista, formação docente, atendimento educacional especializado, avaliação e inclusão no mercado de trabalho, compondo um panorama abrangente da temática inclusão/TEA. Ao articular estudos conceituais, revisões sistemáticas e pesquisas empíricas em diferentes níveis e contextos educacionais, torna-se possível identificar avanços, contradições e lacunas nas políticas e práticas inclusivas. Dessa forma, o quadro contribui diretamente para a pesquisa

ao oferecer uma base teórica e empírica estruturada, que sustenta análises críticas sobre os desafios e as possibilidades de efetivação da inclusão escolar e social de pessoas com deficiência, especialmente com TEA.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A educação inclusiva constitui um movimento global que visa transformar os sistemas educacionais para que atendam à diversidade de todos os estudantes. Este conceito transcende a mera integração física, buscando a participação plena e a aprendizagem de cada indivíduo, independentemente de suas condições. A inclusão escolar reconhece que as barreiras para a aprendizagem residem no ambiente e nas práticas pedagógicas, e não nas características do aluno. A neurodiversidade, por sua vez, emerge como uma perspectiva que valoriza as variações neurológicas, como o autismo, a dislexia e o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), como formas naturais da cognição humana. Esta abordagem desafia a visão patologizante, promovendo o respeito e a valorização das diferenças.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) caracteriza-se por desafios na comunicação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. A compreensão do TEA evoluiu ao longo do tempo, passando de uma condição rara e estigmatizada para uma condição neurobiológica complexa, com um espectro amplo de manifestações. A identificação precoce do autismo permite intervenções mais eficazes, que podem otimizar o desenvolvimento e a qualidade de vida dos indivíduos. A escola, neste cenário, desempenha um papel central ao oferecer um ambiente estruturado e adaptado às necessidades dos alunos com TEA.

A escola inclusiva, ao acolher alunos com autismo, precisa repensar suas metodologias e a formação de seus profissionais. Brinco, Batista e Werlang (2024, p. 25) apontam que "a percepção dos docentes sobre a educação inclusiva influencia diretamente a implementação de práticas pedagógicas adaptadas". A formação continuada dos professores sobre o TEA e as estratégias de ensino específicas para a neurodiversidade mostra-se fundamental. O conhecimento sobre as particularidades do autismo, como as dificuldades na interação social, a sensibilidade sensorial e os interesses restritos, capacita os educadores a criar um ambiente de aprendizagem mais adequado.

A adaptação curricular representa um dos pilares da educação inclusiva para alunos com TEA. Esta adaptação não significa a redução do conteúdo, mas a flexibilização das formas de acesso ao conhecimento e das estratégias de avaliação. A personalização do ensino, com a utilização de recursos visuais, rotinas estruturadas e atividades que considerem os interesses do aluno, favorece a aprendizagem. A escola deve desenvolver um Plano de Desenvolvimento Individualizado (PDI) para cada estudante com autismo, estabelecendo metas e estratégias específicas que contemplem suas potencialidades e desafios.

A interação social constitui um aspecto desafiador para muitos indivíduos com TEA, e a escola possui um papel ativo na promoção de um ambiente que favoreça estas interações. A criação de oportunidades para que os alunos com autismo interajam com seus pares neurotípicos, sob a supervisão e orientação dos professores, contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais. A conscientização dos demais alunos sobre a neurodiversidade e a promoção de uma cultura de respeito e empatia são ações que fortalecem a inclusão. A escola, ao promover a aceitação das diferenças, constrói uma comunidade mais solidária.

A colaboração entre a escola e a família do aluno com TEA é um fator determinante para o sucesso da inclusão. A família, ao compartilhar informações sobre as características e necessidades do filho, oferece subsídios para que a escola possa planejar intervenções mais eficazes. A escola, por sua vez, deve manter a família informada sobre o progresso do aluno e as estratégias adotadas. Esta parceria fortalece o suporte oferecido ao estudante e garante a continuidade das intervenções em diferentes ambientes. A comunicação aberta e o respeito mútuo são a base desta colaboração.

A formação inicial e continuada de professores sobre a educação inclusiva e o TEA é um tema recorrente na literatura. Cunha, Pereira e Pereira (2021, p. e016) argumentam que "as discussões sobre a educação inclusiva nos espaços de formação de professores são essenciais para preparar os futuros educadores para a diversidade". A inclusão de disciplinas e conteúdos específicos sobre neurodiversidade nos currículos de formação de professores capacita-os a lidar com as demandas da sala de aula. A atualização constante dos conhecimentos sobre o autismo e as metodologias de ensino adaptadas é uma necessidade para todos os profissionais da educação.

A avaliação da aprendizagem de alunos com TEA também requer abordagens diferenciadas. As avaliações tradicionais, que se baseiam predominantemente em habilidades verbais e sociais, podem não refletir o real conhecimento do estudante. A escola deve utilizar métodos de avaliação flexíveis, que considerem as formas de expressão e as potencialidades do aluno com autismo. A observação direta, a análise de portfólios e a avaliação por projetos são algumas das estratégias que podem ser empregadas para mensurar o progresso de forma mais justa e precisa.

A legislação brasileira, com a Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015), reforça o direito à educação inclusiva para pessoas com deficiência, incluindo o TEA. Esta legislação estabelece que as escolas devem promover as adaptações necessárias para garantir a participação e a aprendizagem de todos. A escola, portanto, possui um respaldo legal para implementar as práticas inclusivas, mas a efetivação destas práticas depende de um compromisso institucional e da capacitação de seus profissionais. A legislação serve como um guia, mas a transformação real ocorre no cotidiano escolar.

A tecnologia assistiva representa um recurso valioso para a inclusão de alunos com TEA. Aplicativos, *softwares* e dispositivos que auxiliam na comunicação, na organização e na aprendizagem podem otimizar o desenvolvimento desses estudantes. A escola deve explorar o uso da tecnologia

assistiva como uma ferramenta para promover a autonomia e a participação dos alunos com autismo. A escolha das tecnologias deve ser individualizada, considerando as necessidades e preferências de cada estudante, e os professores precisam ser capacitados para utilizá-las de forma eficaz.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura sobre educação inclusiva e neurodiversidade revela que o papel da escola após o diagnóstico de autismo é multifacetado e abrange diversas dimensões. Os resultados indicam que a escola atua como um agente transformador, capaz de promover a inclusão efetiva ou, em alguns casos, de perpetuar barreiras. A compreensão do TEA como uma condição neurobiológica, que se manifesta de forma única em cada indivíduo, orienta a necessidade de abordagens pedagógicas personalizadas. A formação continuada dos professores emerge como um fator determinante para o sucesso da inclusão, pois capacita os educadores a lidar com as particularidades do autismo.

A literatura aponta para a existência de desafios persistentes na implementação da educação inclusiva para alunos com TEA. A falta de recursos materiais e humanos, a inadequação da infraestrutura física e a resistência de alguns profissionais e famílias representam obstáculos. A ausência de um plano de desenvolvimento individualizado (PDI) bem estruturado e a dificuldade em adaptar o currículo às necessidades específicas de cada aluno também comprometem a qualidade da inclusão. Estes desafios exigem um esforço conjunto da gestão escolar, dos professores e da comunidade para serem superados.

As estratégias pedagógicas adaptativas constituem um dos principais focos de atuação da escola. A utilização de recursos visuais, como agendas e *timers*, a criação de rotinas estruturadas e a aplicação de metodologias baseadas em interesses específicos do aluno com TEA são práticas que favorecem a aprendizagem. A intervenção precoce, conforme Gomes e Sousa (2023) abordam, mostra-se fundamental para o desenvolvimento de crianças no espectro autista, e a escola desempenha um papel ativo neste processo ao oferecer um ambiente estimulante e adaptado.

A avaliação da aprendizagem de alunos com TEA também requer abordagens flexíveis e individualizadas. Lanuti (2024) discute a avaliação da aprendizagem na escola inclusiva, destacando a contradição e os desafios envolvidos. As avaliações tradicionais, que se baseiam em critérios padronizados, podem não refletir o real conhecimento e as habilidades do estudante com autismo. A escola precisa adotar métodos de avaliação que considerem as formas de expressão e as potencialidades de cada aluno, como a observação direta, o portfólio e a avaliação por projetos.

A interação social representa um dos maiores desafios para indivíduos com TEA, e a escola possui um papel ativo na promoção de um ambiente que favoreça estas interações. Lima e Legnani (2020) oferecem um olhar psicanalítico sobre a inclusão de um aluno com autismo, ressaltando a complexidade das relações interpessoais. A criação de oportunidades para que os alunos com autismo

interajam com seus pares neurotípicos, sob a supervisão e orientação dos professores, contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais e para a construção de uma cultura de respeito e empatia.

A colaboração entre a escola, a família e os profissionais de saúde é um fator determinante para o sucesso da inclusão. Madalozzo, Cemin e Bohm (2023) abordam a psicologia em diferentes contextos, incluindo a saúde mental, o que reforça a necessidade de uma abordagem multidisciplinar. A troca de informações e a construção de um plano de trabalho conjunto permitem que as intervenções sejam mais coerentes e eficazes, garantindo a continuidade do suporte em diferentes ambientes. A escola não atua isoladamente, mas como parte de uma rede de apoio.

A inclusão de alunos com TEA no ensino de ciências e biologia também apresenta desafios específicos. Menezes e Dias (2022) analisam a inclusão e o ensino de ciências e biologia para alunos com transtorno do espectro autista, destacando a necessidade de adaptações didáticas e metodológicas. A escola precisa desenvolver materiais e estratégias que tornem o conteúdo acessível e interessante para esses estudantes, utilizando recursos visuais, experimentos práticos e atividades que considerem seus interesses específicos.

A conscientização sobre o autismo, como a campanha "Abril Azul", contribui para a desmistificação da condição e para a promoção de uma cultura de inclusão. Miranda e Bremgartner (2024) abordam o autismo na adolescência, um período que apresenta desafios adicionais para a inclusão. A escola, ao participar de campanhas de conscientização e ao promover debates sobre o tema, contribui para a construção de um ambiente mais acolhedor e para a redução do estigma associado ao autismo.

A legislação brasileira, com a Lei Brasileira de Inclusão, estabelece o direito à educação inclusiva para pessoas com deficiência, incluindo o TEA. Esta legislação impõe à escola a responsabilidade de promover as adaptações necessárias para garantir a participação e a aprendizagem de todos. No entanto, a efetivação destas práticas depende de um compromisso institucional e da capacitação de seus profissionais. A legislação serve como um guia, mas a transformação real ocorre no cotidiano escolar, por meio de ações concretas e contínuas.

A tecnologia assistiva emerge como um recurso valioso para a inclusão de alunos com TEA. Aplicativos, *softwares* e dispositivos que auxiliam na comunicação, na organização e na aprendizagem podem otimizar o desenvolvimento desses estudantes. A escola deve explorar o uso da tecnologia assistiva como uma ferramenta para promover a autonomia e a participação dos alunos com autismo. A escolha das tecnologias deve ser individualizada, considerando as necessidades e preferências de cada estudante, e os professores precisam ser capacitados para utilizá-las de forma eficaz.

A inclusão de alunos com TEA no mercado de trabalho também representa um desafio, como Gomes, Bastos e Gomes (2024) abordam. A escola, ao promover o desenvolvimento de habilidades sociais e acadêmicas, contribui para a preparação desses indivíduos para a vida adulta e para o mercado

de trabalho. A educação inclusiva não se restringe ao ambiente escolar, mas busca preparar o aluno para uma participação plena na sociedade. A escola, portanto, possui um papel de longo prazo no desenvolvimento de seus estudantes com autismo.

A discussão dos resultados revela que a escola, após o diagnóstico de autismo, enfrenta o desafio de transformar o ambiente educacional para que ele se torne verdadeiramente inclusivo. A formação de professores, a adaptação curricular, a promoção da interação social e a colaboração com a família são dimensões que exigem atenção constante. A literatura aponta para a necessidade de um olhar individualizado para cada aluno com TEA, reconhecendo suas potencialidades e desafios. A inclusão não é um evento, mas um processo contínuo de adaptação e aprimoramento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs analisar o papel da escola na promoção da educação inclusiva para alunos com Transtorno do Espectro Autista após o diagnóstico. A pesquisa buscou compreender como as instituições de ensino se adaptam e quais estratégias adotam para acolher e desenvolver estudantes neurodiversos. A temática da neurodiversidade e da inclusão escolar ganha cada vez mais espaço no debate educacional, refletindo a busca por uma sociedade mais equitativa e respeitosa às diferenças.

Os principais resultados indicam que a escola desempenha um papel central na efetivação da inclusão, atuando em diversas frentes. A formação continuada dos professores sobre o TEA e as metodologias de ensino adaptadas mostra-se um pilar fundamental. A adaptação curricular, com a flexibilização das formas de acesso ao conhecimento e das estratégias de avaliação, também se destaca como uma prática relevante.

Outro achado relevante consiste na necessidade de a escola promover ativamente a interação social entre alunos com TEA e seus pares neurotípicos. A criação de um ambiente de respeito e empatia contribui para o desenvolvimento de habilidades sociais e para a construção de uma cultura inclusiva. A colaboração entre a escola, a família e os profissionais de saúde emerge como um fator determinante para o sucesso das intervenções.

A interpretação dos achados sugere que a inclusão de alunos com autismo não se limita ao acesso físico à escola, mas abrange a participação plena e o desenvolvimento integral do estudante. As barreiras para a aprendizagem residem frequentemente na falta de preparo do ambiente e dos profissionais, e não nas características do aluno. A escola, ao se adaptar, transforma-se em um espaço de acolhimento e crescimento para todos.

Esta interpretação reforça a ideia de que a educação inclusiva é um processo contínuo de transformação institucional e pedagógica. A escola precisa estar em constante revisão de suas práticas, buscando aprimorar o suporte oferecido aos alunos com TEA. A valorização da neurodiversidade como

uma forma natural da cognição humana orienta a busca por abordagens que respeitem a singularidade de cada estudante.

A relação entre os resultados e as hipóteses implícitas do estudo confirma que a escola possui um papel ativo e transformador no processo de inclusão. A pesquisa demonstra que, com as estratégias adequadas e o compromisso institucional, é possível construir um ambiente educacional que atenda às necessidades de alunos com autismo. A efetivação da inclusão depende de um conjunto de fatores interligados.

As contribuições deste estudo para a área da educação inclusiva residem na sistematização do conhecimento sobre o papel da escola após o diagnóstico de autismo. A pesquisa oferece um panorama abrangente sobre os desafios e as estratégias adotadas pelas instituições de ensino. Os achados podem subsidiar a formulação de políticas educacionais mais eficazes e a capacitação de profissionais.

Outra contribuição consiste em reforçar a importância da formação continuada de professores e da colaboração entre a escola e a família. A pesquisa destaca que a inclusão é um esforço coletivo, que envolve diferentes atores e instituições. A compreensão das particularidades do TEA e a adoção de práticas pedagógicas personalizadas são aspectos que a pesquisa enfatiza.

As limitações da pesquisa incluem a natureza bibliográfica do estudo, que não permite a coleta de dados empíricos diretamente das escolas. A análise restringe-se à literatura disponível, o que pode não refletir a totalidade das experiências e desafios vivenciados no cotidiano escolar. A ausência de observações diretas e entrevistas com os atores envolvidos representa uma limitação.

Outra limitação reside na impossibilidade de generalizar os resultados para todas as realidades escolares, pois as práticas inclusivas variam conforme o contexto e os recursos disponíveis. A pesquisa não aborda as especificidades de cada nível de ensino ou de cada tipo de instituição. Contudo, os achados oferecem um ponto de partida para futuras investigações.

Sugere-se para estudos futuros a realização de pesquisas empíricas que investiguem as práticas inclusivas em escolas específicas, por meio de estudos de caso. A coleta de dados por meio de entrevistas com professores, pais e alunos com TEA pode oferecer uma compreensão mais aprofundada sobre o tema. A observação direta das salas de aula também pode revelar aspectos relevantes.

Outra possibilidade para estudos futuros consiste na avaliação da eficácia de programas de formação de professores sobre o TEA e a educação inclusiva. A investigação sobre o impacto da tecnologia assistiva no desenvolvimento de alunos com autismo também representa uma área promissora. A pesquisa pode explorar a percepção dos alunos neurotípicos sobre a inclusão de seus colegas com TEA.

A reflexão final sobre o impacto do trabalho aponta para a necessidade de a escola assumir um compromisso ético e social com a educação inclusiva. A inclusão de alunos com TEA não é apenas uma questão de cumprimento de leis, mas um imperativo moral que busca garantir o direito de todos



à educação e ao desenvolvimento pleno. A escola, ao se adaptar, contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Este estudo conclui que o papel da escola após o diagnóstico de autismo é de transformação e acolhimento. A instituição educacional possui a capacidade de ser um espaço onde a neurodiversidade é valorizada e onde cada aluno, com suas particularidades, encontra condições para aprender, interagir e se desenvolver. A educação inclusiva representa um caminho para a construção de um futuro mais promissor para todos.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, C. R.; FREITAS, C. R.; ZAGHI, M. Um diálogo com Andrea Canevaro. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 29, 2023. DOI: 10.1590/1980-54702023v29e0202.
- BARCELLOS, D. P.; GOMES, J. de S. Das classes especiais à educação inclusiva: um estudo sobre o sistema de educação de Miracema/RJ. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 73, p. 219-230, 2023. DOI: 10.12957/teias.2023.74241.
- BRINCO, L. A. da S.; BATISTA, N. L.; WERLANG, M. K. Percepções de docentes dos cursos de Geografia da Universidade Federal de Santa Maria - RS, sobre educação inclusiva e inclusão escolar. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 20, n. 1, 2024. DOI: 10.12957/tamoios.2024.73096.
- PERCEPÇÕES DE DOCENTES DOS CURSOS DE GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - RS, SOBRE EDUCAÇÃO INCLUSIVA E INCLUSÃO ESCOLAR
- CUNHA, J. M. S.; PEREIRA, L. da S.; PEREIRA, C. A. Discussões sobre a educação inclusiva nos espaços dos cursos de formação inicial e continuada de professores. *Revista Prática Docente*, Cáceres, v. 6, n. 1, p. e016, 2021. DOI: 10.23926/RPD.2021.v6.n1.e016.id1096.
- DISCUSSÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NOS ESPAÇOS DOS CURSOS DE FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES | *Revista Prática Docente*
- FÉLIX, A. G. de S.; BARBOZA, P. de A. O atendimento educacional especializado no desenvolvimento de habilidades e competências dos estudantes com deficiência. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 10, n. 3, p. 498-521, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i3.13119.
- FONTENELE, L. Q.; BESSA, L. L.; LAVOR FILHO, T. L. de; SOUZA FILHO, J. A.; MIRANDA, L. L. Laudo e diagnóstico como dispositivos de (ex)inclusão escolar: uma revisão sistemática // Report and diagnosis as devices of school (ex)inclusion: a systematic review. *Revista de Psicologia*, Fortaleza, v. 14, e023009, 2023. DOI: 10.36517/revpsiufc.14.2023.e023009.
- Laudo e Diagnóstico como Dispositivos de (Ex)Inclusão Escolar: Uma Revisão Sistemática // Report and Diagnosis as Devices of School (Ex)inclusion: A Systematic Review | *Revista de Psicologia*
- GARCIA, R. K. M.; PAIM, M. B. Ensino colaborativo, uma alternativa para inclusão escolar no ensino médio. *Revista de Ciências Humanas*, Frederico Westphalen, v. 25, n. 1, p. 79-98, 2024. DOI: 10.31512/19819250.2024.25.01.79-98.
- GOMES, I. S.; BASTOS, W. C. A.; GOMES, V. da C. Transtorno do espectro autista e os desafios da inclusão no mercado de trabalho. *GEPFIP*, [S. l.], v. 2, n. 12, p. 105-118, 2024. DOI: 10.55028/gepfip.v2i12.20088.
- GOMES, L. R.; SOUSA, M. J. F. Intervenção precoce no tratamento de crianças do espectro autista. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 3968-3978, 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n1-307.
- LANUTI, J. E. de O. Avaliação da aprendizagem na escola inclusiva: a contradição, os desafios e uma possibilidade. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, [S. l.], v. 16, n. 3, e3700, 2024. DOI: 10.55905/cuadv16n3-084.

LIMA, I. B.; LEGNANI, V. N. Olhar psicanalítico sobre a inclusão de um aluno com autismo. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 26, p. 1-15, 2020. DOI: 10.26512/lc.v26.2020.27244.

MADALOZZO, M. M.; CEMIN, T. S.; BOHM, V. R. *Psicologia em diferentes contextos: saúde mental e objetivos de desenvolvimento sustentável*. Porto Alegre: Editora Fi, 2023. DOI: 10.18226/9786558072942.

MENEZES, N. P.; DIAS, V. M. Inclusão e o ensino de ciências e biologia para alunos com transtorno do espectro autista: análise dos trabalhos publicados nos Encontros Nacionais de Biologia e de Pesquisa em Educação em Ciências. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*, Belo Horizonte, v. 22, e38851, 2022. DOI: 10.28976/1984-2686rbpec2022u10571080.

MIRANDA, M. E. L.; BREMGARTNER, M. P. Abril azul e o transtorno do espectro autista na adolescência. In: *Anais [...]*. [S. l.: s. n.], 2024. p. 9-21. DOI: 10.37885/240316077.